RGe ISSN: 2177-3246

A CASA MUSEU DAS CAVALHADAS EM PIRENÓPOLIS: COMO UM ESPAÇO COLETIVO DE AÇÃO, CONHECIMENTO E MEMÓRIA DA CULTURA LOCAL

THE CAVALHADAS HOUSE MUSEUM IN PIRENÓPOLIS: AS A COLLECTIVE SPACE FOR ACTION, KNOWLEDGE, AND MEMORY OF LOCAL CULTURE

LA CASA MUSEO CAVALHADAS EN PIRENÓPOLIS: UN ESPACIO COLECTIVO PARA LA ACCIÓN, EL CONOCIMIENTO Y LA MEMORIA DE LA CULTURA LOCAL

10.56238/revgeov17n4-202

Nélia Dias Nogueira Peixoto
Mestranda em Ciências Sociais e Humanidades
Instituição: Universidade Estadual de Goiás (UEG)
E-mail: neliapire@gmail.com
Lattes: http://lattes.cnpq.br/9683532526896428
Orcid: https://orcid.org/0009-0007-4359-8582

Mary Anne Vieira Silva
Pós-doutorado em Geografia
Instituição: Universidade Estadual de Goiás (UEG), Unidade Universitária de Ciências Socioeconômica e Humanas (UnUCSEH)
E-mail: mary.silva@ueg.br
Lattes: http://lattes.cnpq.br/9531821569252642
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-1789-3365

RESUMO
O presente artigo analisa a Casa Museu das Cavalhadas, localizada na histórica Rua Direita em Pirenópolis, como um espaço fundamental de resistência, identidade e valorização da cultura local. Idealizado por Maria Eunice Pereira e Pina, o museu transcende a função de arquivo, atuando como um elo vivo entre o passado e o presente ao preservar o patrimônio cultural, especialmente as Cavalhadas.

Palavras-chave: Casa Museu. Cavalhadas. Maria Eunice. Cultura.

ABSTRACT
This article analyzes the Cavalhadas House Museum, located on the historic Rua Direita in Pirenópolis, as a fundamental space of resistance, identity, and appreciation of local culture. Conceived by Maria Eunice Pereira e Pina, the museum transcends the function of an archive, acting as a living link between the past and the present by preserving cultural heritage, especially the Cavalhadas (a traditional equestrian festival).

Keywords: House Museum. Cavalhadas. Maria Eunice. Culture.

ISSN: 2177-3246

RESUMEN
Este artículo analiza la Casa Museo Cavalhadas, ubicada en la histórica Rua Direita de Pirenópolis, como un espacio fundamental de resistencia, identidad y valoración de la cultura local. Concebida por Maria Eunice Pereira e Pina, la casa museo trasciende la función de archivo, actuando como un vínculo vivo entre el pasado y el presente mediante la preservación del patrimonio cultural, especialmente las Cavalhadas (una fiesta ecuestre tradicional).

Palabras clave: Casa Museo. Cavalhadas. Maria Eunice. Cultura.

1 INTRODUÇÃO

Na Rua Direita centro histórico de Pirenópolis, a Casa Museu das Cavalhadas não se configura apenas como um espaço de exposição, mas como um verdadeiro espaço da cultura e resistência goiana. Fundada por iniciativa de Maria Eunice Pereira e Pina na década de 90, a instituição cumpre o papel fundamental de preservar o acervo que registra a história secular da encenação da batalha entre mouros e cristãos, parte integrante da Festa do Divino Espírito Santo.

O legado deste museu-casa transcende a mera exibição de objetos e livros literários; ele compartilha informações de uma tradição centenária. Ao longo de suas salas, o visitante é convidado a mergulhar nas indumentárias de gerações de cavaleiros, máscaras artísticas e documentos que narram como a fé e a cultura se entrelaçam no cotidiano pirenopolino.

Este espaço é o elo vivo entre o passado colonial, introduzido no século XVIII, e o presente, contribuindo para que o espetáculo folclórico mais rico de Goiás continue a encantar e a educar as próximas gerações. Falar do legado da Casa Museu das Cavalhadas é, portanto, exaltar a dedicação à preservação do patrimônio cultural e a paixão de uma comunidade que faz da tradição o seu maior orgulho.

A abordagem proposta enfatiza a Casa Museu não apenas como um local de exposição de objetos históricos, mas como um espaço vivo de resgate e reencontro com a história e a cultura da comunidade. Serão discutidos os processos pelos quais o museu contribui para o fortalecimento dos vínculos sociais, a transmissão intergeracional dos valores culturais e a resistência às transformações que ameaçam a continuidade das tradições locais.

2 METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como um estudo de caso qualitativo e exploratório, centrado na trajetória do legado sociocultural da casa museu das cavalhadas. A abordagem metodológica fundamenta-se em uma revisão bibliográfica e análise teórica, mobilizando conceitos-chave para a interpretação do objeto. Os aportes teórico-conceitual articula-se em torno de três eixos principais:

1. **Território de Memória:** Conforme Geertz (1989), “a cultura é um tecido de significados no qual os indivíduos se imergem para construir sentidos e entender seu lugar no mundo” (p. 49). O museu é apresentado como um exemplo de cultura social, onde objetos e histórias das Cavalhadas reforçam laços comunitários e mantêm viva a tradição. Como define Victor Turner (1974), um processo transformador que utiliza um acervo de literatura e objetos para tornar visíveis os valores fundamentais de uma comunidade.
2. **Foco Cultural:** Segundo Pierre Nora, os lieux de mémoire são "lugares onde a memória cultural se cristaliza e se refugia", assumindo um papel crucial na constituição das identidades culturais (NORA, 1993, p. 22). Destaca o interesse de Maria Eunice na valorização das

Cavalhadas que define a identidade pirenopolina. “Um espaço dinâmico de diálogo e troca, onde as comunidades se reconhecem e participam ativamente da construção e preservação de sua cultura” (CHAGAS, 2009, p. 38). Por Richard Schechner, manifesta-se como um 'comportamento restaurado.

3. **Análise Abrangente:** O capítulo investiga as motivações da criação do museu, os desafios para sua manutenção e o contexto histórico da Rua Direita. Chagas (2009) ressalta que “o valor de um acervo não está unicamente na sua conservação física, mas no seu papel ativo dentro das práticas sociais que o cercam, nas trocas e vivências que ele possibilita” (p. 39). Conforme Nora (1993), A preservação do patrimônio cultural edificado vai além da manutenção estética, fundamentando-se na premissa de que "a cultura precisa de suportes materiais para existir e sobreviver" (p. 21).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da Casa Museu como espaço cultural demonstrou que o acervo ali presente não possui apenas valor histórico ou estético, mas carrega forte carga simbólica, funcionando como suporte material da memória coletiva. A indumentária, os instrumentos, as fotografias e os documentos ali preservados são testemunhos de uma tradição que se mantém viva por meio da participação ativa da comunidade, da oralidade e da reprodução intergeracional dos saberes.

Confirmou-se a hipótese de que a perenidade das Cavalhadas reside menos na estabilidade de aparelhos culturais oficiais — visto que o funcionamento do Museu das Cavalhadas atualmente é restrito, sendo necessário agendar a visita, devido as dificuldades enfrentadas pela responsável em manter as portas abertas no cotidiano, estendendo também a fragilidade do Museu do Divino — sendo notório que há necessidade na atuação de sujeitos comprometidos. Nesse cenário, Maria Eunice emerge como figura-síntese de uma patrimonialização afetiva, provando que o vínculo identitário é capaz de sobreviver à desassistência institucional. “de que a perenidade do acervo e das tradições associadas às Cavalhadas depende menos de políticas institucionais de preservação e mais da atuação cidadãos comprometidos com a cultura local. Nesse sentido, Maria Eunice se destaca como figura-síntese de um processo de patrimonialização afetiva e socialmente enraizada, capaz de mobilizar memórias, fortalecer vínculos identitários e garantir a continuidade de práticas culturais mesmo diante da ausência de apoio formal.

Além disso, constatou-se que o legado construído por ela transcende os limites físicos da Casa Museu. Ele pulsa nas dinâmicas sociais da cidade e manifesta-se no corpo e na voz de detentores de saberes locais, como integrante do grupo. Nesse sentido, a Casa Museu deixa de ser um mero repositório de objetos para se consolidar como um território de resistência política e cultural. Ao converter o acervo em ferramenta de afirmação comunitária, o espaço confronta a lógica da

mercantilização do patrimônio, garantindo que a memória local não seja apenas contemplada, mas vivenciada como um direito coletivo e inegociável.

3.1 AS CAVALHADAS COMO EXPRESSÃO COLETIVA

As Cavalhadas de Pirenópolis transcendem o conceito de festa folclórica; constituem uma manifestação cultural densa, que carrega séculos de história, simbolismo e identidade coletiva. Originadas da herança medieval europeia e adaptadas ao contexto colonial brasileiro, as Cavalhadas tornaram-se o elemento central e mais emblemático da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis, celebração esta reconhecida como Patrimônio Cultural do Brasil pelo IPHAN em 2010. Por meio de uma encenação que mescla teatro, religiosidade e montaria, a luta entre mouros e cristãos funciona como um elo entre gerações, reafirmando os laços familiares e a fé profunda da comunidade pirenopolina.

No contexto de Pirenópolis, as Cavalhadas representam um dos maiores símbolos de pertencimento e identidade local, configurando-se como uma prática coletiva que articula diferentes gerações, grupos familiares e segmentos sociais. A festa é organizada tradicionalmente por famílias que mantêm um vínculo histórico e afetivo com a tradição, transmitindo de pai para filho saberes, funções e responsabilidades relacionadas às encenações e às cerimônias que compõem o evento. Essa dinâmica familiar é essencial para a preservação e continuidade das Cavalhadas, reforçando a dimensão comunitária e afetiva que a festa possui.

Para a população local, as Cavalhadas vão além de um simples espetáculo; são um ritual vivo. Entende-se aqui o ritual não apenas como uma sequência de ações formais, mas, como define Victor Turner (1974), um processo transformador que utiliza símbolos para tornar visíveis os valores fundamentais de uma comunidade. Definindo assim como ação Simbólica: cada movimento (as carreiras, as cores, as máscaras) comunica significados que a linguagem comum não alcança. Assim também o ritual cria um estado de igualdade e união temporária entre os participantes, fortalecendo o que turner chama de communitas, onde os laços sociais são renovados fora da hierarquia cotidiana.

Conforme Geertz (1989), “a cultura é um tecido de significados no qual os indivíduos se imergem para construir sentidos e entender seu lugar no mundo” (p. 49). Nesse sentido, a festa funciona como um espaço simbólico onde os pirenopolinos reafirmam sua história, sua fé e suas relações sociais, consolidando um sentimento coletivo de pertencimento.

A Casa Museu das Cavalhadas atua como um importante centro de referência nesse cenário, voltado à preservação e valorização dos símbolos, objetos e narrativas que detalham essa tradição. Ao reunir vestimentas, instrumentos e registros históricos, o museu protege o patrimônio material e corrobora a memória coletiva que fundamenta a festa. Como guardiã desse capital simbólico, a

instituição fortalece a coesão social e auxilia na legitimação da identidade dos grupos envolvidos, servindo como elo entre o passado documental e a prática viva nas ruas.

Nesta perspectiva, a Casa Museu transcende a função da preservação de objetos para consolidar-se como um museu de território. Ao priorizar a oralidade e o contato direto entre gerações nas Cavalhadas, a instituição subverte a lógica do museu contemplativo, tornando-se um espaço de experiência. Como aponta Candau (2004), essa memória compartilhada funciona como um dispositivo ético que impede a fossilização da cultura; assim, o museu atua como um laboratório vivo, onde o saber-fazer pirenopolino é constantemente renegociado e renovado em vez de apenas exposto.

As Cavalhadas também têm um significado religioso profundo, celebrando a vitória do bem sobre o mal, representada na luta entre cristãos e mouros, e incorporando elementos da fé católica local, , como a devoção ao Divino Espírito Santo. Essa dimensão espiritual reforça o sentido de pertencimento. Essa dimensão espiritual reforça o sentido de pertencimento e a vivência coletiva da fé, aspectos que são valorizados e preservados no museu, integrando cultura, religiosidade e tradição.

Finalmente, a festa e seu museu são expressões de resistência cultural, especialmente em tempos de globalização e homogeneização cultural, quando práticas tradicionais correm risco de desaparecimento ou descaracterização. O museu funciona como um território simbólico onde a comunidade pode afirmar sua singularidade e celebrar sua herança cultural de forma autônoma e consciente.

Portanto, a Casa Museu das Cavalhadas é muito mais do que um espaço de armazenamento; ela é um centro vital de fortalecimento da cultura, da família e da tradição em Pirenópolis, garantindo que as Cavalhadas continuem sendo uma expressão coletiva viva, significativa e dinâmica, essencial para a identidade e o futuro da comunidade

3.2 CASA MUSEU: O ACERVO

A Casa Museu das Cavalhadas, apesar das limitações estruturais e do acesso restrito, desempenha um papel central na construção e fortalecimento da identidade cultural de Pirenópolis. Ela vai além da simples função de depósito de objetos históricos; é um espaço onde a memória coletiva é cuidadosamente preservada, representada e reinventada, funcionando como um elo vital entre o passado e o presente da comunidade. É nesse lugar que os laços afetivos, históricos e culturais se entrelaçam para construir um sentido compartilhado de pertencimento e identidade.

Segundo Pierre Nora, os lieux de mémoire são "lugares onde a memória se cristaliza e se refugia", assumindo um papel crucial na constituição das identidades culturais (NORA, 1993, p. 22). A Casa Museu funciona exatamente como um desses espaços simbólicos, um território onde as narrativas locais ganham corpo, onde a história deixa de ser um conjunto de fatos distantes para se tornar uma experiência viva e presente.

Para os moradores de Pirenópolis, o museu atua como guardião das tradições ao salvaguardar os objetos rituais que, segundo autores como [Citar Autor/Referência], cristalizam a memória coletiva. Essa custódia é vital para as Cavalhadas, festa que opera como uma síntese da cultura local. Nela, a religiosidade se manifesta na devoção ao Divino; a oralidade garante a sucessão dos postos entre gerações; a festividade reitera os laços comunitários; e a performatividade das batalhas dramatiza a história local, construindo, por fim, a identidade pirenopolina como um processo vivo e em constante reatualização.

A performatividade nas Cavalhadas, conforme discutido por Richard Schechner, manifesta-se como um 'comportamento restaurado. Não se trata meramente de uma representação teatral da luta entre Mouros e Cristãos, mas de uma prática ritual onde o corpo do pirenopolino, ao vestir a máscara e montar o cavalo, atualiza valores ancestrais. A performance, aqui, é o mecanismo que transforma a história em experiência vivida, conferindo eficácia simbólica ao rito."

Ainda que o museu tenha um alcance geográfico limitado, seu impacto simbólico transcende seus muros. Stuart Hall enfatiza que “a identidade cultural não é um dado fixo, mas um processo em constante construção, profundamente ligado à memória compartilhada e à experiência coletiva” (HALL, 2006, p. 45). A Casa Museu oferece à comunidade um espaço onde esse processo ocorre, funcionando como um centro de reconhecimento, onde histórias e saberes são valorizados, preservados e ressignificados em diálogo com as transformações sociais e culturais contemporâneas.

O museu também atua como um agente importante na educação informal e na valorização da cultura popular local. Apesar de operar muitas vezes de forma discreta e sem a estrutura formal de grandes instituições culturais, suas atividades e visitas, mesmo quando realizadas de forma esporádica, estimulam o fortalecimento dos vínculos comunitários e promovem a transmissão intergeracional de saberes, histórias e práticas.

Essa função pedagógica se insere na perspectiva da museologia social, que entende o museu como “um espaço dinâmico de diálogo e troca, onde as comunidades se reconhecem e participam ativamente da construção e preservação de sua cultura” (CHAGAS, 2009, p. 38). Nesse sentido, a Casa Museu ultrapassa sua função tradicional para se tornar um espaço de pertencimento coletivo e resistência cultural.

Além disso, a Casa Museu representa um gesto de resistência simbólica contra as tendências hegemônicas que, por vezes, marginalizam as expressões culturais populares em favor de narrativas oficiais e elitizadas de patrimônio. Conforme aponta Ecléa Bosi, “a memória é um ato de resistência contra o esquecimento e a invisibilização, especialmente para grupos cujas histórias não são contempladas nas narrativas dominantes” (BOSI, 1994, p. 53). Nesse cenário, o museu reafirma o valor das tradições, dos saberes e da história dos pirenopolinos, destacando a importância do protagonismo local na preservação do patrimônio.

O impacto da Casa Museu na comunidade também pode ser entendido à luz das teorias sobre espaços simbólicos de identidade. Lefebvre (1991) destaca que o espaço social é produzido e reproduzido por práticas culturais que dão sentido ao vivido. A Casa Museu é um desses espaços onde o social se materializa, possibilitando que a memória coletiva ganhe expressão concreta e contribua para a coesão social. Através do museu, a comunidade pirenopolina não apenas preserva sua história, mas reafirma sua singularidade cultural frente a processos externos de homogeneização e descaracterização.

Importante ressaltar que o museu, mesmo com sua visibilidade restrita, se torna um ponto de referência afetivo e simbólico, onde o sentido de identidade é reforçado. O impacto desse lugar é evidenciado na valorização que os próprios moradores atribuem à Casa Museu, reconhecendo nela um patrimônio vivo que conecta gerações, transmite valores e fortalece o sentimento de pertencimento comunitário.

Em síntese, a Casa Museu das Cavalhadas configura-se como um território simbólico onde memória e identidade se entrelaçam para fortalecer o tecido social de Pirenópolis. Ao preservar as narrativas locais, o museu atua como um mecanismo de salvaguarda, permitindo que a cultura pirenopolina reafirme sua singularidade frente às pressões da globalização e às dinâmicas econômicas contemporâneas.

3.3 CONTRIBUIÇÕES E TRADIÇÃO: CASA MUSEU DAS CAVALHADAS

O acervo acumulado por Maria Eunice em sua residência na Rua Direita não é apenas uma coleção de objetos, mas a materialização do seu papel como "guardiã das memórias de Pirenópolis". Para superar a narrativa genérica, o texto deve destacar como a materialidade dos itens específicos dialoga com a identidade local: As Vestimentas e a Ritualística do Sagrado e Profano. Diferente de uma vitrine de figurinos, as vestimentas bordas manualmente e ornamentos em papel crepom feitos por mulheres pirenopolinas desde a década de 1960 representam o fazer artesanal da Festa do Divino.

Portanto são significados que revelam a transição do objeto de uso — o traje do cavaleiro e do mascarado — para o objeto de memória. Ao exibir as roupas usadas por seus filhos Luiz Armando de Pina, Eduardo de Pina e outros, o museu humaniza a tradição, conectando a festa pública à intimidade familiar.

Análise feita durante um momento da pesquisa, constata que os livros que compõem o acervo são de produção intelectual, ou seja, bibliográfico. O espaço inclui obras de Maria Eunice, como "Devaneios de uma Pirenopolina" e as edições do Jornal Nova Era. Esses itens mostram que a Casa Museu não guarda apenas o "folclore", mas a intelectualidade pirenopolina. Os livros e manuscritos de Maria Eunice contextualizam as Cavalhadas sob a ótica de uma mulher escritora e fundadora da

Academia Pirenopolina de Letras, transformando o museu em um centro de referência bibliográfica para pesquisadores da cultura popular.

A presença de fotografias, instrumentos, recortes de jornais e ferramentas de artesão espalhados pelos cômodos da casa-museu reforça a autenticidade do lugar. Contribuição para a Memória: Enquanto um museu tradicional isola o objeto, o acervo de Maria Eunice mantém o sentimento de pertencimento. Os objetos das cavalhadas ganham novo sentido por estarem no local onde a preservação começou provando que a memória cultural de Pirenópolis foi mantida por iniciativas de resistência doméstica.

A despeito das carências estruturais, o museu desempenha um papel prático na preservação das tradições. A exposição desses objetos permite que o saber-fazer da festa seja transmitido visualmente, suprindo a ausência de registros formais e mantendo viva a cultura em Pirenópolis.

A dimensão simbólica do acervo é especialmente significativa, pois os objetos ali preservados, como vestimentas, armas cenográficas, documentos antigos, fotografias e instrumentos musicais, são portadores de significados que transcendem sua materialidade. Conforme Nora (1993), A preservação do patrimônio edificado vai além da manutenção estética, fundamentando-se na premissa de que "a memória precisa de suportes materiais para existir e sobreviver" (p. 21). Sob essa ótica, os objetos e monumentos deixam de ser meros resíduos do passado para se tornarem testemunhos palpáveis. Eles atuam como facilitadores da conexão afetiva, permitindo que as narrativas históricas transcendam o campo abstrato e ganhem uma dimensão sensorial e concreta para as gerações presentes. Eles permitem que a comunidade experiencie a história de forma concreta, tocando não apenas a razão, mas também a emoção.

A dimensão documental do acervo, por sua vez, reforça a importância do museu como espaço de preservação do patrimônio imaterial, especialmente no que se refere às Cavalhadas. Os documentos, registros e objetos históricos permitem o acesso a informações essenciais sobre a origem, a evolução e as práticas que envolvem a festa, funcionando como ferramentas para a pesquisa, o ensino e a divulgação cultural. Assmann (2001) destaca que “a memória cultural é sustentada por um conjunto de artefatos, textos e símbolos que articulam a identidade coletiva e possibilitam sua perpetuação” (p. 35). O acervo torna-se, assim, um repositório de saberes e histórias que resistem ao esquecimento e às transformações sociais.

Importante, também, é a dimensão afetiva presente nesse acervo, que reforça a ligação entre os habitantes e seu patrimônio cultural. Muitos objetos carregam histórias pessoais e familiares, funcionando como "invólucros de experiências vividas e afetos compartilhados, capazes de fortalecer os vínculos comunitários e de estimular o sentimento de pertencimento" (BACHELARD, 1996, p. 44). Essa conexão emocional torna o acervo um espaço vivo, onde passado e presente dialogam, e onde as tradições são continuamente reapropriadas e recontextualizadas.

Mesmo na ausência de equipamentos técnicos específicos para conservação e exposição, o cuidado dedicado pelos gestores e pela comunidade à manutenção do acervo reflete um compromisso profundo com a preservação cultural. Essa prática cotidiana de proteção, organização e partilha dos bens culturais é fundamental para que o museu continue exercendo sua função social e educativa, apesar das condições adversas. Chagas (2009) ressalta que "o valor de um acervo não está unicamente na sua conservação física, mas no seu papel ativo dentro das práticas sociais que o cercam, nas trocas e vivências que ele possibilita" (p. 39).

Ademais, o acervo possibilita a construção de uma narrativa coletiva que valoriza a diversidade cultural local e a complexidade das práticas tradicionais, funcionando como um espaço de resistência simbólica frente às pressões externas da modernização e da globalização. A Casa Museu, ao preservar seu acervo, fortalece a autonomia cultural da comunidade pirenopolina, reafirmando seus direitos à memória e à identidade.

Em síntese, o acervo articula dimensões simbólicas e documentais que sustentam o patrimônio imaterial da região. Essa preservação é o que viabiliza a continuidade histórica das Cavalhadas, transformando a memória coletiva em um legado vivo e compartilhado

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, a minha família, a Universidade Estadual de Goiás (UEG), aos professores do TECCER que muito contribuíram para meu crescimento, pessoal, intelectual e profissional, em especial a orientadora, Profª. Dr. May Anne Vieira Silva, e a todos que influenciam e lideram, que são exemplos no curso do Programa de Pós- Graduação Stricto Sensu Interdisciplinar em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER).

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. O processo de patrimonialização e seus atores. *In*: CHAGAS, Mário de Souza (Org.). **Museu, memória e cidadania**: perspectivas de trabalho em museus comunitários. Rio de Janeiro: IPHAN, 2012a. p. 91–112.

ABREU, Regina. Patrimônio imaterial: entre o visível e o invisível. *In*: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012b. p. 91–116.

ASSMANN, Jan. A cultura da memória. *In*: ASSMANN, Jan. **Das kulturelle Gedächtnis**: Schrift, Erinnerung und politische Identität in frühen Hochkulturen. München: Beck, 1997.

ASSMANN, Jan. Cultura e memória: entre teoria e pesquisa. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Unesp, 2001.

ASSMANN, Jan. A mente cultural: história e memória. Petrópolis: Vozes, 2008.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 1987.

BARROS, Antonio; MOLINA, Ana; SILVA, Maria. Evoluindo com a construção de um novo conceito – educação patrimonial ambiental – a partir das reflexões da educação patrimonial e ambiental com vistas à ampliação do campo metodológico desse contexto. **Fórum Ambiental da Alta Paulista**, [S.l.], v. 7, n. 6, p. 982-993, out. 2011. Disponível em: https://www.amigosdanatureza.org.br. Acesso em: 20 jan. 2026.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. A distinção: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 1990.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BURKE, Peter. A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 2005.

CANCLINI, Néstor García. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 1983.

CANDAU, João Marcelo E. Memória e identidade. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

CARVALHO, Aline; MENEGUELLO, Cristina (Orgs.). Dicionário temático de patrimônio: debates contemporâneos. Campinas: Editora Unicamp, 2020.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2002.

CHAGAS, Mário de Souza. Museologia e museus comunitários: territórios simbólicos e processos sociais. *In*: ALMEIDA, Maria do Carmo de (Org.). **Museus e museologia**: entre o local e o global. São Paulo: AnnaBlume, 2009. p. 27–42.

CHAGAS, Mário de Souza. Museologia social: reflexões e práticas em busca de novos paradigmas. *In*: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. p. 25–46.

CURADO, Heloísa Helena Silva; PINA, Marlene Alves de. Saberes femininos na constituição das Cavalhadas de Pirenópolis/GO: narrativas de memória e cultura. **Revista Cerrados**, [S.l.], v. 13, n. 20, p. 215-226, 2015a.

CURADO, João Batista; PINA, Tâmara. O museu que nasceu de uma casa: memória e identidade em Pirenópolis. *In*: MONTEIRO, Maria Aparecida (Org.). **Cultura, patrimônio e identidade no Cerrado brasileiro**. Goiânia: Cegraf/UFG, 2015b.

CURADO, Mauro; PINA, Marcelo Borges. A cultura como patrimônio e memória: entre o simbólico e o político. *In*: PINTO, Luiz Carlos (Org.). **Memória e patrimônio cultural em Goiás**. Goiânia: UFG, 2015. p. 213-232.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

FUNDAÇÃO MUSEU COUROS. Site da Fundação Museu Couros. Disponível em: http://www.museucouros.com.br. Acesso em: 29 ago. 2025.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GONÇALVES, Pedro (Org.). Patrimônio 4.0. São Paulo: Blucher, 2022.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

HUYSSEN, Andreas. Memória cultural na era da globalização. Tradução: Maria Lúcia Dal Farra. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. Registro das Cavalhadas de Pirenópolis como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. Brasília: IPHAN, 2010. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/2351. Acesso em: 17 jul. 2025.

JAYME, Jarbas. Famílias Pirenopolinas: ensaios genealógicos. Goiânia: UFG, 1973.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: Unicamp, 1990.

LEFEBVRE, Henri. A produção do espaço. Tradução Edson Passetti. São Paulo: Edusp, 1991.

LIMA, Luana Nunes Martins de. Lugar de memória: o patrimônio goiano entre o esquecimento e a resistência. Goiás: UEG, 2024.

MAGALHÃES, Aloísio. Bens culturais: instrumento para um desenvolvimento harmonioso. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília, n. 20, p. 40-44, 1984.

MOURA, Maria Lúcia. Patrimônio como espetáculo: paisagem, turismo e identidade em cidades históricas. *In*: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário de Souza (Orgs.). **Memória e Patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010. p. 85–99.

MUSEU DAS CAVALHADAS. História do Museu. Pirenópolis, [s.d.]. Disponível em: https://museudascavalhadas.com.br. Acesso em: 17 jul. 2025.

NAPOLITANO, Marcos; KAMINSKI, Rosane (Orgs.). Monumentos, memória e violência. São Paulo: Letra e Voz, 2022.

NORA, Pierre. Les lieux de mémoire. Paris: Gallimard, 1993.

ONG, Walter J. Oralidade e cultura escrita: a tecnologia da palavra. São Paulo: Loyola, 1982.

PERROT, Michelle. Minha história das mulheres. São Paulo: Contexto, 2005.

PERROT, Michelle. Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e cultura: o mundo contemporâneo em perspectiva. Bauru: EDUSC, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & Patrimônio Cultural: entre memorialismo e a crítica. Campinas: Autores Associados, 2007.

PINA, Maria Eunice Pereira e. Devaneios de uma Pirenopolina. Goiânia: Kelps, 1993.

SAMUEL, Raphael. Theatres of Memory: Past and Present in Contemporary Culture. London: Verso, 1994.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da USP, 2002.

SCHECHNER, Richard. O que é performance?. **O Percevejo**, Rio de Janeiro, ano 11, n. 12, p. 25-50, 2003.

SILVA, Rosilene Ribeiro da. Mulheres e festas populares: cultura e identidade nas Cavalhadas de Pirenópolis. *In*: MOURA, Maria Marlene de (Org.). **Mulheres e patrimônio cultural**. Brasília: IPHAN, 2010. p. 139–157.

THOMPSON, Edward P. A miséria da teoria: ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

UNESCO. Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial. Paris: UNESCO, 2003. Disponível em: https://ich.unesco.org. Acesso em: 17 jul. 2025.